

# «E depois começa aquele “plim, plim”»: os sons do Facebook nas paisagens sonoras do cotidiano

JOÃO FRANCISCO PORFÍRIO

O Facebook faz parte das nossas vidas e é quase impossível excluí-lo das construções que fazemos da realidade, da nossa identidade e do cotidiano. Sobre o Facebook e a forma como a internet está enraizada na nossa vida, Sherry Turkle refere que:

In talking about sociable robots, I described an arc that went from seeing simulation as better than nothing to simply better, as offering companions that could meet one’s exact emotional requirements. Something similar is happening online. We may begin by thinking that e-mails, texts, and Facebook messaging are thin gruel but useful if the alternative is sparse communication with the people we care about. Then, we become accustomed to their special pleasures—we can have connection when and where we want or need it, and we can easily make it go away. In only a few more steps, you have people describing life on Facebook as better than anything they have ever known. They use the site to share their thoughts, their music, and their photos. They expand their reach in a continually growing community of acquaintance. No matter how esoteric their interests, they are surrounded by enthusiasts, potentially drawn from all over the world.

No matter how parochial the culture around them, they are cosmopolitan (Turkle 2011, 160-161).

Com a portabilidade e a possibilidade de aceder à internet e ao Facebook vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e em qualquer lugar, é muitas vezes difícil excluir esta rede social digital da rede social analógica. Fazemos *log in*, mas muito raramente fazemos *log out*, e acabamos por nos tornar *cyborgs*, de acordo com a descrição que Sherry Turkle faz:

The *cyborgs* were a new kind of nomad, wandering in and out of the physical real. [...] What had seemed alien was close to becoming everyone's way of life, as compact smartphones replaced the *cyborgs*' more elaborate accoutrements. This is the experience of living full-time on the Net, newly free in some ways, newly yoked in others. We are all *cyborgs* now (Turkle 2011, 152).

É esta facilidade com que deambulamos entre as redes sociais, analógicas e digitais, que faz de nós *cyborgs*.

À rede social Facebook estão associados uma série de alertas sonoros que nos indicam diferentes atividades, como mensagens, publicações novas, respostas a comentários ou reações a publicações.<sup>(1)</sup> Se, de uma forma geral, estamos sempre ligados ao Facebook e a ele estão associados estes sons, eles acabam por ser parte integrante das nossas vidas, compondo a paisagem sonora e construindo o quotidiano.

---

(1) O autor segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Ouvir ficheiros de som: 1) [som](#) antigo de mensagem no computador ; 2) [som](#) de notificação no computador; 3) [som](#) de notificação no telemóvel ; 4) [som](#) do Messenger (telemóvel); 5) [som](#) de notificação no computador (repetido igual ao 2); 6) [som](#) de mensagem no computador.

Com o intuito de perceber de que forma as pessoas olham para esta rede social e convivem com os sons que dela fazem parte, elaborei um questionário, que apliquei fazendo uso do próprio Facebook,<sup>(2)</sup> onde também pedia que identificassem sons que lhe estão associados. Foi aplicado inicialmente aos 422 “amigos” que tenho no Facebook, mas depois alguns deles fizeram o favor de partilhar o mesmo questionário e, portanto, o número de pessoas que teve oportunidade de responder, atingiu um universo do qual eu perdi o controle. Este «não controle» da informação partilhada é uma das consequências de redes sociais como o Facebook. Na mesma medida em que este consegue ser um meio útil e fácil de propagar informação, como foi o caso da aplicação do inquérito que serviu de base a esta investigação, também facilmente essa informação é partilhada e chega a pessoas que, na maioria das vezes, nem sabemos quem são. Quando se trata de um inquérito, esta propagação é, à partida, inofensiva e poderá ser até uma mais valia, mas quando falamos de coisas mais pessoais como fotografias, por exemplo, essa perda de controle pode não ser tão agradável e causar até alguns problemas no quotidiano e nas relações, tanto pessoais como profissionais. Turkle (2011, 256) dá o exemplo de uma rapariga que sente que a internet – e o Facebook, mais concretamente – faz chantagem com ela, uma vez que ela sente que tudo o que faz, numa festa com amigos, por exemplo, pode ser fotografado e imediatamente postado e partilhado no Facebook, sem que ela tenha efetivamente controle sobre isso. Turkle faz também referência a outra utilizadora do Facebook que explica bem como perdemos o controle da informação que partilhamos na internet:

---

(2) Link para o questionário: <http://www.surveio.com/survey/d/R5S3M6M7U9D7D7U8I>.

That's the one bad thing [about online life]. On a typewriter, you can take the paper out and shred it. But if it's online, it's online. People can copy and paste it; people can e-mail it to each other; people can print it. [...] You need to be careful what you write on the Internet because most of the things [...] if you put it on the Internet, that's it. A lot of people [...] they may or may not have access to it, but still, it's there (Turkle 2011, 256).

Do universo ao qual o questionário foi aplicado responderam sessenta e cinco pessoas.<sup>(3)</sup> Destas, sobre a frequência e os dispositivos onde usam esta rede social, 70,8% está sempre *online* e 89,2% tem a aplicação instalada no *smartphone*. Relativamente ao uso desta rede social nos dispositivos móveis, 27,7% só usa se estiver num sítio onde tem *Wi-Fi*, 30,8% está sempre ligado, e 38,5% só liga quando é mesmo necessário – estas percentagens vêm colaborar com o que referi no início sobre a portabilidade e a existência, quase ininterrupta, desta rede social no quotidiano dos seus utilizadores, e vice-versa – a existência do quotidiano dos utilizadores, nesta rede social – colaborando com o que Sherry Turkle refere e já mencionado anteriormente, «we are all cyborgs now» (Turkle 2011, 152).

---

(3) Ver quadro 1 e quadro 2, com os resultados das respostas ao questionário aplicado.

- **70,8%** está ‘sempre on’.
- **89,2%** tem o *facebook* instalado no smartphone.
- **27,7%** só usam *facebook* em sítios onde tem wi-fi.
- **30,8%** está sempre ligado.
- **38,5%** só liga quando é mesmo necessário.
- **50,8%** tem o som sempre desligado.
- **20%** só desliga se estiver num sítio onde tem de ter o telemóvel no modo silencioso.
- **15,4%** só liga se estiver sozinho.
- **10,8%** tem os alertas sonoros sempre ligados.
- **72,3%** usa os que estão pré-definidos pelo sistema enquanto
- **24,6%** diz que modificou estes alertas para que possa controlar o que cada som significa.

facebook®

**Quadro 1.** Relação dos utilizadores com o tempo de permanência *online* no Facebook e a utilização dos alertas sonoros que lhe estão associados.

- Som 1** – som antigo de mensagem no computador: **35,4%**
- Som 2** – som de notificação no computador: **44,6%**
- Som 3** – som de notificação no telemóvel: **33,8%** - **46,2%** que não reconhece
- Som 4** – som do Messenger (telemóvel): **66,2%**
- Som 5** – som de notificação no computador (repetido igual ao 2): **52,3%**
- Som 6** – Som de mensagem no computador: **16,9%** - **61,5%** que não reconhece.

facebook®

**Quadro 2.** Percentagem de inquiridos que identificou os alertas sonoros associados ao Facebook.

Em relação aos alertas sonoros associados ao Facebook, 72,3% usa os que estão pré-definidos pelo sistema, enquanto 24,6% diz que modificou estes alertas para que possa controlar o que cada som significa. Apesar desta percentagem de pessoas que diz que faz esta modificação, eu não encontrei forma de o fazer, pelo menos da mesma forma que controlamos o som dos *sms*, das chamadas ou do e-mail, ou mesmo de outras plataformas de conversação como o WhatsApp. Já no controle que fazem do uso ou não destes alertas, 50,8% dos utilizadores têm os alertas sonoros sempre desligados, 20% só desliga se estiver num sítio onde tem de ter o telemóvel no modo silencioso, 15,4% só os liga se estiver sozinho e 10,8% tem os alertas sonoros sempre ligados. Apesar da baixa percentagem de utilizadores que mantém os alertas sonoros sempre ativos, quando foi pedido que identificassem os vários alertas, 35,4% dos inquiridos identificou corretamente o som 1;<sup>(4)</sup> no que diz respeito ao som 2,<sup>(5)</sup> este foi identificado por 44,6% e 33,6% identificou o som 3<sup>(6)</sup> corretamente; o som 4<sup>(7)</sup> foi identificado corretamente por 66,2% e o som 5<sup>(8)</sup> foi identificado corretamente por 52,3%, o que não deixa de ser curioso, porque o som 5 é exatamente o mesmo som que o som 2 que só tinha sido identificado corretamente por 44,6% dos inquiridos. Penso que a explicação para esta diferença entre os 52,3% que identificaram o som 5 e os 44,6% que identificaram o som 2, tem a ver com o título que estava no vídeo que permitiu às pessoas ouvir ambos os sons. O som 2 tinha como título *som*

---

(4) [Som](#) antigo de mensagem no computador.

(5) [Som](#) de notificação no computador.

(6) [Som](#) de notificação no telemóvel.

(7) [Som](#) do Messenger (telemóvel).

(8) [Som](#) de notificação no computador (repetido igual ao 2).

2 – um título neutro – mas o som 5 tinha como título *Facebook Notification Sound* – que acaba por ser um título identificativo. O vídeo com o título *som 2* foi editado por mim e partilhado no YouTube e o vídeo com o título *Facebook Notification Sound* estava na mesma plataforma, mas tinha sido partilhado por outro utilizador, já com este título. Ambos os vídeos tinham, em termos visuais, uma imagem com um fundo azul e a palavra Facebook com o mesmo *lettering* que o usado pela rede social.

Decidi colocar os dois vídeos à audição dos inquiridos, para perceber se o mesmo som, num contexto diferente, era identificado da mesma forma. Neste caso o título do vídeo – *Facebook Notification Sound* – acaba por funcionar como valor acrescentado, tendo efeito na perceção sonora e dando informações e pistas sobre o som que está a ser ouvido, permitindo assim que mais pessoas tenham identificado corretamente este som – em oposição ao mesmo som quando o título é *som 2*. Este fenómeno é largamente discutido por Michel Chion na sua teoria sobre a audiovisão (Chion 2008). Esta sugestão talvez tenha levado mais inquiridos a identificar o som corretamente, não obstante os 47,7% que não reconheceu o som ou o identificou de forma errada. O som 6<sup>(9)</sup> foi apenas identificado corretamente por 16,9% e 61,5% não conseguiu associá-lo ao Facebook. Chamou-me também a atenção o facto de o som associado ao Facebook Messenger – aplicação destinada à conversação entre as pessoas que usam o Facebook, e que está associado aos dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* – ter sido identificado por quase 70% dos inquiridos. Um valor elevado em comparação com os outros sons que, mesmo no caso dos que foram identificados por mais pessoas,

---

(9) [Som](#) de mensagem no computador.

não ultrapassou muito os 50%. Estes dados levam-me a questionar porque será que este som é tão facilmente identificado, mas nunca está ativo? Porque será que os utilizadores do Facebook, na sua maioria, desligam os alertas sonoros? Será que os sons são considerados «irritantes», causando *stress* ou interrompendo outras atividades? De que forma é que estes sons poderão condicionar as atividades diárias? Terão de facto um papel na construção do nosso quotidiano?

Para responder a estas perguntas recorri a quatro amigos, com os quais discuti estas questões. As conversas, realizadas individualmente, aconteceram no decorrer de atividades que poderíamos ter realizado em qualquer momento das nossas vidas e não especificamente nesta investigação. Este modelo de investigação aproxima-se de uma metodologia conhecida como etnografia sensorial e que consiste num processo de criação e de representação do conhecimento sobre a sociedade, a cultura e os indivíduos, baseada na experiência pessoal do etnógrafo. Não tem como objetivo produzir uma descrição objetiva e verdadeira da realidade, mas sim a versão de realidade do investigador e a maneira como este a experiencia, sendo o mais fiel possível ao contexto, às negociações e às intersubjetividades através das quais o conhecimento é produzido (Pink 2009). Apesar desse compromisso, neste tipo de investigação, defende Pink, os resultados podem ser bastante mutáveis, uma vez que tanto o investigador como os participantes são colocados num contexto social, sensorial e material caracterizado por produzir configurações de poder particulares que são experienciadas através do corpo e que, conseqüentemente, estão em constante mutação.

Na etnografia sensorial não são excluídas as interações virtuais e *online* e a participação do investigador não tem de ser a de um mero observador, podendo este, como Sarah Pink refere, envolver-se em «producing a film, writing a song or inventing a new recipe with one's research participants, or inviting them to reflexively engage in an everyday or designed activity» (Pink 2009, 10). Entre 1999 e 2000, Sarah Pink desenvolveu dois estudos etnográficos, ambos a partir do quotidiano doméstico, em que aborda a forma multissensorial como as pessoas vivem as suas casas a partir de materiais culturais, produtos e práticas, abordando a forma como atividades de limpeza doméstica ou de decoração são parte da prática do quotidiano, de construção da identidade e de valores morais (Pink 2009, 19). Também Tia DeNora, sem nunca fazer referência à etnografia sensorial especificamente, acaba por se aproximar deste tipo de metodologia, ao documentar alguns dos muitos usos que a música pode ter no quotidiano humano e ao descrever estratégias através das quais a música é mobilizada como um recurso para produzir cenas e rotinas que constituem a vida social. A partir de situações individuais e mais íntimas – como encontros amorosos – ou mais coletivas – como aulas de aeróbica – DeNora (2004) aprofunda a questão de como a música é constitutiva da ação e é um meio com capacidade de conferir forma e textura ao ser, ao que sentir e ao que fazer, através de circunstâncias específicas e indivíduos particulares.

De forma a manter o anonimato, mas para facilitar a sua identificação durante o meu discurso, os quatro participantes nesta investigação terão nomes fictícios, a saber: Ana, Camila, Olga e Pedro.

## Olga

A Olga vive num bairro histórico de Lisboa que atualmente é muito frequentado por turistas. Aliás, a principal fonte de rendimento da Olga é a gestão de duas unidades de arrendamento local, em que uma delas é um quarto na sua própria casa. Foi aí que nos encontramos. Ela convidou-me para almoçar e foi enquanto degustámos uma salada que ela preparou, sentados junto à janela com vista para o rio, que a nossa conversa sobre o Facebook e os seus sons ocorreu. A Olga diz que usa pouco o Facebook no telemóvel e que, normalmente, tem o som deste dispositivo desligado. Perante isto, depois de confirmar que ela tinha respondido ao inquérito que iniciou esta investigação, perguntei-lhe se tinha tido dificuldade em identificar os sons, uma vez que tem o som quase sempre inativo:

De todos detetei um som que tinha a ver com a mensagem quando cai, porque eu às vezes tenho o telemóvel com som [...] acho que foi o único que eu detetei. [...] É como os sons do Skype, eu desligo, porque eu normalmente estou [...] na internet, e às vezes estou a fazer outras coisas, ouvir música ou não sei quê, não quero ser interrompida com aquele som, basicamente é isso e outras vezes é porque estou a usar, por exemplo, tenho hóspedes e não sei quê, e estou a usar a internet e estou mesmo sem som, tiro o som do computador.

Perguntei-lhe porque desligava o som do computador, ao que a Olga respondeu:

Porque são chatos, são chatos, não há necessidade de os ter. Se eu estou no computador estou a ver o que é que se está a passar, portanto, por

exemplo [...] o Facebook, mesmo que não estejas na página do Facebook aparece o separador com o «1» [...] e então por causa disso, tipo, não.

Esta notificação só será detetada se estivermos em frente ao computador, pois depende do sentido da visão, logo, com o som desligado a Olga não vai saber que tem uma notificação nova, se estiver longe do computador:

Sabes que é também um bocado para evitar também a dependência, [...] imagina tenho ali agora o computador e está tudo ligado no computador e se estivesse aqui a apitar notificações porque alguém comentou a minha fotografia, porque alguém me escreveu uma mensagem, não sei quê, estaria quase tipo um bocado dependente, «ah estou aqui com um amigo meu, mas deixa-me ir ver o que é que coiso» e assim estou descontraída.

A Olga acusa também esta dependência quando o dispositivo não é o computador, mas o telemóvel:

E o telemóvel, às vezes até meto som no telemóvel, porque estou à espera de uma chamada ou uma [coisa] qualquer e então meto som no telemóvel e depois começa aquele «plim, plim» da mensagem no Facebook e eu tenho logo a necessidade de ir “chekar” o telemóvel. Depois eu tenho uma coisa, uma pancada qualquer, que é assim que eu vejo uma mensagem eu não consigo deixar a pessoa pendurada tenho que responder nem que seja assim «eu agora não posso, eu já te respondo» estás a ver e condiciona-me a vida.

Apesar de ter sempre o som desligado, mesmo indiretamente, o som associado às mensagens do Facebook têm efeito

na Olga: «Mas acontece-me uma coisa engraçada, eu estou a usar o meu telemóvel sem som, só se me esquecer é que está o som ligado, e estar em sítios que oiço mensagem de Facebook, por exemplo “ah, se calhar fui eu” [risos], mas depois lembro-me “ah eu não tenho som”».

## Ana

Fui encontrar-me com a Ana na casa onde ela vive. Levei sushi para o almoço e foi entre rolos de arroz e fatias de sashimi que falámos sobre os sons do Facebook. A Ana tinha o computador ligado e a página do Facebook aberta. Quando a conversa se encaminhou para o assunto em questão percebi que a Ana não tinha ainda respondido ao inquérito que eu tinha partilhado e, apesar de não ser condição para podermos continuar a conversar, ela resolveu responder. Quando ela terminou esta tarefa perguntei-lhe que som é que tinha sido mais fácil de identificar, «o da notificação de mensagem, o “plim”, aquele que está pré-formatado [...]». Questionei-a sobre se costuma ou não ter o som das notificações ligado, e afirmou que: «[...] depende, quando estou, por exemplo, assim em convívio, normalmente desligo o som [...]. Mas normalmente está ligado», e continua, «porque acho que é para não interromper, acho que há momentos que deve [...] e nós já vivemos às vezes tão, se calhar eu, vives tão concentrado nisto que quando estás com outras pessoas o tempo deve ser dado [...]». Pondo a hipótese de que é a outra pessoa a ter o som das notificações do Facebook Messenger ligado, a Ana diz que:

A mim incomoda-me. Depende da pessoa com quem tu estás [...] por exemplo, se estiveres a dois com uma pessoa, [...] não é o facto de tocar, incomoda-me mais se tocar e a outra pessoa pegar no telemóvel e for ver [...]. Claro que isso irrita um bocadinho, não é? E irrita porquê, porque o som acaba por perturbar um bocadinho, influenciar, é como se fosse uma coisa do exterior [...] porque tu associas ao que é. [...] Não é o som propriamente dito que me irrita é eu reconhecer ao que aquele som está associado.

Tal como a Olga, também a Ana é sensível a este alerta sonoro mesmo quando toca no *smartphone* de uma pessoa completamente desconhecida e mesmo que tenha a certeza que não foi ela a receber uma mensagem: «Ah, eu vou ver se foi o meu. [...] Posso ter essa coisa do “não foi o meu”, por teres se calhar sentido ou ouvido o som de maneira diferente, mas acabas por ir ver, por confirmar se o teu tem alguma coisa, acho que sim, acho que é um reflexo».

## Pedro

Encontrei-me com o Pedro, ao final da tarde, numa esplanada de um quiosque. A música estava bastante alta e tocava um *Best of* da banda inglesa *Simply Red*. O Pedro fala numa intensidade que raramente entra em exageros e temi que o gravador não registasse a nossa conversa de forma a poder depois reouvi-la. Tivemos uma conversa, sobre a rede social em causa, bastante interessante. Abordámos questões que ultrapassaram a questão sonora como, por exemplo, quem é que gere a nossa página de Facebook quando um dia morrermos. Será que esta tarefa passa a estar associada a outras como contratar uma funerária ou cancelar

as contas do banco? Voltando ao assunto central desta investigação, devo referir que o Pedro não tem conta no Facebook. Já teve durante bastante tempo, mas há cerca de um ano que não tem.<sup>(10)</sup> Comecei exatamente por lhe perguntar que motivos o levaram a cancelar a conta:

O Facebook tem uma cena boa que é a partilha de informação, o que está a acontecer, filmes, notícias, festas [...] consegues ter essa informação de forma rápida e consegues partilhar essa informação. Aquilo que eu vi nos meus amigos é que não havia tanto esse tipo de partilha, mas uma coisa mais de exposição pessoal. Um bocado como um *blog* [...] eu também fiz parte, metia umas fotografias [...] começou-me a irritar o ter que ser interessante quase por obrigação. [...] Começou-se aquela coisa da promoção pessoal, como uma marca, como figura pública [...] depois a nível pessoal começou-me a irritar a parte [...] das obrigações sociais no Facebook, teres que dar parabéns [...] és obrigado [...] publicamente. Ires a um jantar e teres que avisar pelo Facebook.

Pedi-lhe que se lembrasse do tempo em que tinha a conta ativa. O Pedro, nessa altura, tinha a aplicação instalada no *smartphone* (ambas, a do Facebook e a do Facebook Messenger) e normalmente tinha os alertas sonoros ligados. Questionei-o sobre a relação que tinha com o som associado ao Facebook Messenger:

Irritava-me no sentido que tinha que responder [...] ficava stressado porque tinha que responder, alguém me mandou uma mensagem e eu tenho que estar disponível [...] é um conceito diferente do *sms*, não é? No *sms* tu envias aquela mensagem e não ficas à espera que a outra pessoa

---

(10) Entretanto, o Pedro voltou a ativar a sua conta de Facebook.

responda [de imediato]. Não é imediato, não é uma coisa de *chat* [...]. A mesma coisa que se eu ligar para ti, tu não tens que atender a chamada. Quando ouves um som tens que ir ver o telemóvel, tens que estar atento, tens que estar em cima do acontecimento, se não estás a perder qualquer coisa [...]. Estás programado para ver o que é que está a acontecer. Está a acontecer alguma coisa sem mim? O mundo, a vida está a correr e não estou atento?

## Camila

«Para mim o Facebook é um aspeto visual, não é um aspeto sonoro. Sim, mas o sinal de Messenger, efetivamente, [...] [o Facebook] é uma coisa não sonora, eu nem sabia que o Facebook tinha sons. Mas tem sons de quê?» Entretanto, explico-lhe que sons estão associados ao Facebook e ao Facebook Messenger e a Camila continua: «Eu no computador, o Facebook não tem som nenhum [...] não sei, nem nunca tinha pensado nisso [...]. No telemóvel tem apenas o som do Messenger, mas eu tenho quase sempre o telemóvel no silêncio». Perguntei-lhe o porquê de ter o telemóvel quase sempre no silêncio:

Pelo trabalho e porque me chateia [...] se estiver em casa ponho som, sim. Mas é capaz de ser dos poucos sítios em que eu ponho som, mesmo na rua, porque eu ando com isto na carteira e isto quando há [alguma coisa] vibra e eu sinto que estou a ser contactada. Acho que o meu telemóvel só tem som [...] quando estou em casa, tenho-o na mesinha de entrada com som e realmente aí tem o som de chamada, tem o som de mensagem e tem o som de Messenger [do Facebook] barra WhatsApp que acho que é o mesmo [som].

Eu e a Camila vivemos na mesma zona da cidade e encontrámo-nos num bar que frequentamos habitualmente para comer alguma coisa ou beber um copo e pôr a conversa em dia. Naquele dia a Camila tinha decidido contar ao «mundo» que tem um namorado e esse assunto acabou, tal como o assunto Facebook, por ser um ponto central da nossa conversa. A Camila confessa que o facto de estar numa relação amorosa e que está no início, a faz estar um pouco mais afastada desta rede social (ela não tinha, aliás, visto o questionário que eu tinha partilhado) e ficar menos ansiosa em relação às várias notificações que recebe: «Se o [meu namorado] está comigo, eu não tenho tanta necessidade de ir ver o que é». Perguntei-lhe também como reage se for o namorado a receber uma notificação do Facebook Messenger e se isso, de alguma forma, a deixa desconfortável: «Às vezes deixa-me um bocadinho [o facto de não saber quem é] [...]. Se o [meu namorado] receber uma [mensagem], se receber outra, se receber para aí umas três e não disser nada começo a ficar com minhoquinhas, mas depois passa». A Camila confessa também que, para algumas conversas específicas, já desativou as notificações para poder ter som no telemóvel, mas não estar sempre a ser interrompida pelas notificações daquela conversa específica: «Eu já [desativei as notificações de uma conversa específica] no Messenger e esta semana fiz isso no WhatsApp, porque realmente aquilo estava sempre a tocar e eu já não estou para aí virada».

Tal como no inquérito que serviu de base a esta investigação, à exceção do Pedro, também os quatro participantes têm os sons associados ao Facebook inativos, nos vários dispositivos onde podem ter acesso a esta rede social. O som associado ao Facebook Messenger foi o mais facilmente identificado pelos

inquiridos e é também para os participantes considerado «o som do Facebook», acabando por ter mais importância que os outros. A importância deste som é atribuída não ao «som em si», mas ao que ele significa: alguém associado à rede social Facebook disse alguma coisa, quer conversar. É considerado quase como um «chamamento» para essa rede social, que acaba por ser como uma realidade paralela às relações sociais «físicas». Apesar de muitas das relações fazerem parte de ambas as redes sociais – a digital e a analógica – é como se a mesma pessoa tivesse duas identidades: a da «vida real» e a do Facebook. O som do Facebook é assim considerado «irritante» quando interrompe a «vida real». Sempre que se referem ao som do Facebook Messenger os participantes chamaram-lhe «plim», à exceção da Camila que se refere ao mesmo som como «tim».

## Conclusão

Murray Schafer atribui o termo *marca sonora* «a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar» (1997, 27). Um exemplo de *marca sonora* é o sino da aldeia que serviu ao longo dos tempos para enviar uma série de avisos à população, acabando por condicionar, e muitas vezes reger, o quotidiano dessa população. O «plim» que nos avisa que temos uma mensagem de Facebook tornou-se no sino dos nossos dias. O Facebook faz parte das nossas vidas e associou a si sons impossíveis de mudar e que nos fazem sentir parte de uma comunidade. O som do Facebook Messenger é, perante aquilo que já descrevi, também ele uma *marca sonora*. Uma *marca sonora* que nos indica que alguém tem alguma coisa para nos dizer,

acabando esse som por ser a materialização dessa mensagem. O som apenas nos diz que temos uma mensagem, sendo o seu conteúdo tão diversificado como a própria vida. O significado deste som é assim construído por nós e pelas interações sociais que dele advêm. Em *Making Sense of Reality*, Tia DeNora (2014) dá o exemplo da *snapiness*<sup>(11)</sup> de um biscoito. Esta qualidade é uma textura, mas também um som que pode, por um lado, significar que o biscoito é de facto crocante e, portanto, se faz aquele som é bom, mas se for suposto o biscoito não ser estaladiço e fizer o mesmo som, então apenas vai significar que está muito seco e o mesmo som significa uma má qualidade do biscoito. O som acaba por ser a materialização e a «objetificação» das qualidades do biscoito (DeNora 2014, 92-94). Dependendo do conteúdo das mensagens também o som do Facebook Messenger pode ser sentido como negativo ou positivo, no entanto, tal como o *snap* de um biscoito, também o som é sempre igual.

Tia DeNora defende também que a música pode ser usada como pista para um modo de conduta, valor, estilo e orientação; como um dispositivo normativo, uma sugestão para a maneira de agir socialmente. Num cenário social, tipos específicos de música podem oferecer recursos estéticos para a produção de acesso ou inaccessão a esse cenário (DeNora 2004, 126-129). Este som, o «plim» ou «tim» – como lhe chamaram os quatro amigos com quem debati esta questão – tem esse efeito acabando por nos fazer agir de determinada forma, é o som que nos convida a entrar num novo cenário. Mesmo não sendo ouvido e sentido como música, é parte integrante da paisagem sonora de todos os dias. Talvez por isso, tantas vezes «excluimos» este som do nosso

---

(11) Tem a ver com o facto de um biscoito ser crocante, estaladiço.

quotidiano para que ele não nos «obrigue» a fazer coisas que não queremos ou não podemos, neste caso ler uma mensagem.

Vários autores, em *Evocative Objects Things We Think With*, falam de objetos que assumem, para cada um deles, o papel de objetos evocativos. Sherry Turkle (2007) descreve estes objetos evocativos dizendo:

The object brings together intellect and emotion. In every case, the author's focus is not on the object's instrumental power – how fast the train travels or how fast the computer calculates – but on the object as a companion in life experience: how the train connects emotional worlds, how the mental space between computer keyboard and screen creates a sense of erotic possibility (Turkle 2007, 5).

Tal como o comboio faz a ponte entre «mundos emocionais» também este «plim» faz a ponte entre a rede social analógica e rede social digital, neste caso o Facebook e as relações que aí construimos. Este som tem a capacidade, como a Ana, a Camila, a Olga e o Pedro descreveram, de nos deixar por vezes felizes, outras irritados, zangados, com ciúmes e ansiosos. Tem a capacidade de nos fazer agarrar quase instantaneamente no telemóvel, mesmo quando sabemos que não foi o nosso telemóvel que tocou. De facto, «we are all cyborgs now» (Turkle 2011, 152) e o «plim» é o som que nos comanda.

## Referências

- Chion, Michel. 2008. *A audiovisão*. Traduzido por Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lda.
- DeNora, Tia. 2004. *Music in Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DeNora, Tia. 2014. *Making Sense of Reality Culture and Perception in Everyday Life*. London: SAGE Publications Ltd.
- Goffman, Erving. 2002. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Editora Vozes.
- Leppert, Richard. 2012. «Reading the Sonoric Loundscape.» In *The Sound Studies Reader*, editado por Jonathan Sterne, 409–418. New York: Routledge.
- Nowak, Raphael, e Andy Bennett. 2014. «Analysing Everyday Sound Environments: The Space, Time and Corporality of Musical Listening.» *Cultural Sociology* 8/4:1–17.
- Pink, Sarah. 2009. *Doing Sensory Ethnography*. London: SAGE Publication Ltd.
- Schafer, R. Murray. 1997. *A afinação do mundo*. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: FEU.
- Turkle, Sherry. 2007. *Evocative Objects Things We Think With*. Cambridge – London: The MIT Press.
- Turkle, Sherry. 2011. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books.

## Apêndice: Entrevistas

### Dados

Nome fictício: Olga

Idade: 37

Profissão: Técnica de Turismo (formação).

Atualmente está a gerir unidades de alojamento local (um apartamento em Alfama e um quarto na sua casa)

Local onde vive: Alfama

### Citações

«Eu no telemóvel uso tão pouco, normalmente tenho o telemóvel sem som.»

«De todos detetei um som que tinha a ver com a mensagem quando cai, porque eu às vezes tenho o telemóvel com som e tipo... acho que foi o único que eu detetei.»

«É como os sons do Skype, eu desligo, porque eu normalmente estou no Facebook... estou no Facebook? Estou na internet, e às vezes estou a fazer outras coisas ouvir música ou não sei quê, não quero ser interrompida com aquele som, basicamente é isso e outras vezes é porque estou a usar, por exemplo tenho hóspedes e não sei quê, e estou a usar a internet e estou mesmo sem som, tiro o som do computador.»

### Sobre ter tirado (no computador) os sons do Facebook e do Skype:

«Porque são chatos, são chatos, não há necessidade de os ter. Se eu estou no computador estou a ver o que é que se está a passar, portanto, por exemplo o Skype começa-te a piscar. E o Facebook, mesmo que não estejas na página do Facebook aparece o separador com o “1” ou... e então por causa disso, tipo, não.»

Sobre o facto de, se não estiver perto do computador ou do telemóvel e não tiver os sons ligados, não saber que recebeu alguma coisa:

«Sabes que é também um bocado evitar também a dependência, de tipo... imagina tenho ali agora o computador e está tudo ligado no computador e se estivesse aqui a apitar notificações porque alguém comentou a minha fotografia porque alguém me escreveu uma mensagem, não sei quê, estaria quase tipo um bocado dependente, “ah estou aqui com um amigo meu, mas deixa-me ir ver o que é que coiso” e assim estou descontráida.»

### Sobre se os sons condicionam o resto das atividades:

«Sim, condiciona.»

«E o telemóvel, às vezes até meto som no telemóvel, porque estou à espera de uma chamada ou uma merda qualquer e então meto som no telemóvel e depois começa aquele plim plim da mensagem no Facebook e eu tenho logo a necessidade de ir “chekar” o telemóvel depois eu tenho uma coisa, uma pancada qualquer, que é assim que eu vejo uma mensagem eu não consigo deixar a pessoa pendurada tenho que responder nem que seja assim “eu agora não posso, eu já te repondo” estás a ver e condiciona-me a vida, tipo eu estar sempre... e então comecei...»

«Eu lembro-me que uma vez eliminei o Messenger do Facebook no meu telemóvel, porque aquilo automaticamente dava-me como *online*, não é, desde que esteja a usar o *wi-fi* ou qualquer coisa, e então eu lembro-me de chegar, imagina, quatro da manhã a casa, eu entro o telemóvel automaticamente começa o *wi-fi* cá de

casa e estar a ir dormir e estar pessoas que me vêm *online* começarem-se a meter comigo. E eu achei que aquilo era uma falta de privacidade [...] nessa altura eliminei. Agora voltei a ter, mas tenho aquela cena tipo tiro o som que é para...»

«E isso passa-se até com outras cenas, tipo com as notificações de novos e-mails.»

«Eu vou-te dizer as ocasiões que eu uso o Facebook fora de casa, são ocasiões muito específicas, portanto se eu vou beber um copo contigo à noite, mesmo que tenha *wi-fi*, ou esteja a usar os meus dados móveis, eu não vou ao Facebook. O Facebook para mim é uma coisa de socialização e a socialização quando estás com alguém a beber copos, portanto não estou com necessidade de ver quem é que me fez *like* na fotografia.»

#### Se num espaço público, no caso de ficar sozinha se vai ver o Facebook:

«Eventualmente, se tiver uma notificação de mensagem.»

«Normalmente em locais públicos tenho o telemóvel em silêncio, ou em vibração se estiver à espera de alguma coisa.»

«Mas acontece-me uma coisa engraçada, eu estou a usar o meu telemóvel sem som, só me esquecer é que está o som ligado, e estar em sítios que oiço mensagem de Facebook, por exemplo “ah, se calhar fui eu” [risos], mas depois lembro-me “ah eu não tenho som”.»

«Eu tento evitar essa dependência, porque eu passo muitas horas no Facebook [...] por exemplo, estou em casa tenho sempre o Facebook ligado, mesmo que não esteja lá a fazer nada, está sempre ligado e tento evitar essa cena no contexto social.»

«No banquinho aqui da frente, dá para captar o *wi-fi* da minha casa. Então estou a fumar um cigarro e instintivamente estou no Facebook e Instagram. Porque é aquela

coisa social, quando tu estás sozinho, não estás a fazer nada que justifique o facto de estares na rua, além de fumar um cigarro, tens que te agarrar ao telemóvel.»

#### Sobre porque é que escolhe o Facebook e o Instagram e não ver e-mails, ou visitar uma página de internet (filmes, roupa, etc.)

«Porque é mais instantâneo, lá está, é um entretenimento. Por exemplo eu se quero ir à página [...] da Zara ou da Bershka eu vejo no meu computador, vejo melhor do que no telemóvel [...], mas sim é mais uma coisa instantânea e de pouco, como é que hei-de dizer, há pouca substância, tu estás a fazer *scroll*, é mais uma cena de estares ali...»

#### Vai ver o telemóvel:

«Eu não recebi nada, olha tenho som. Porque cheguei a casa e estava à espera que me dissesse alguma coisa.»

---

#### Dados

Nome fictício: Ana

Idade: 37

Profissão: Professora de Educação Visual Tecnológica do Ensino Básico Público

Local onde vive: Lumiar

---

#### Citações

##### Sobre qual o foi o som mais fácil de identificar:

«O da notificação de mensagem, o plim, aquele que está pré-formatado e que...»

##### Se quando sai de casa tem o Facebook ligado:

«Vai desligado, vou ligando de vez em quando para não gastar dados móveis.»

### Sobre se o som fica ligado:

«Eh pá depende, quando estou por exemplo assim em convívio, normalmente desligo o som, para não... como estou no sítio que tem, que tem... desligo. Mas normalmente está ligado.»

### Porque é que desliga o telemóvel (o som) quando está a falar com alguém:

«Porque acho que é para não interromper, acho que há momentos que deve... e nós já vivemos às vezes tão, se calhar eu, vives tão concentrado nisto que quando está com outras pessoas o tempo deve ser dado...»  
«Se estiver na rua deixo ligado porquê, porque fica dentro da mala e nem sempre o oiço, mesmo que toque eu não oiço.»

### Cenário em que fica sozinha, se mexe no telemóvel e vai ao Facebook:

«Aí assim, como estou sozinha [...] se outra pessoa vai à casa de banho, ou vai atender um telefonema, ou vai... é um momento de passares a hora morta. Está ali acessível...»

### Se estiver a jantar com outra pessoa e se a pessoa não tiver retirado o som do telemóvel e estiver constantemente a receber mensagens de Facebook:

«A mim incomoda-me. Depende da pessoa com tu estás [...] por exemplo se estiveres a dois como uma pessoa, assim... incomoda-me o facto de estar constantemente... não é o facto de tocar, incomoda-me mais se tocar e a outra pessoa pegar no telemóvel e for ver, aí acho que... [...] Claro que isso irrita um bocadinho, não é? E irrita porquê, porque o som acaba por perturbar um bocadinho, influenciar, é como se fosse uma coisa do exterior [...] porque tu associas ao que é que é.»  
«Não é o som propriamente dito, que me irrita é eu reconhecer ao que aquele som está associado.»

### Se outra pessoa receber uma mensagem e ouvir o som (pessoa desconhecida) se vai ver o telemóvel:

«Ah, eu vou ver se foi o meu. [...] ouvir um som e ah... se calhar ter por essa coisa do "não foi o meu", por teres se calhar sentido ou ouvido o som de maneira diferente, mas acabas por ir ver, por confirmar se o teu tem alguma coisa, acho que sim, acho que é um reflexo.»

---

### Dados

Nome fictício: Pedro

Idade: 38

Profissão: Auditor de Contact Center

Local onde vive: Rossio

---

### Citações

#### Deixou de ter Facebook:

«O Facebook tem uma cena boa que é a partilha de informação, o que está a acontecer, filmes, notícias, festas [...] consegues ter essa informação de forma rápida e consegues partilhar essa informação. Aquilo que eu vi nos meus amigos é que não havia tanto esse tipo de partilha, mas uma coisa mais de exposição pessoal. Um bocado como um *blog* [...] eu também fiz parte, metia umas fotografias [...] começou-me a irritar o ter que ser interessante quase por obrigação. [...] começou-se aquela coisa da promoção pessoal, como uma marca, como figura pública [...] depois a nível pessoal começou-me a irritar a parte do... das obrigações sociais no Facebook, teres que dar parabéns [...] és obrigado a... publicamente. Ires a um jantar e teres que avisar pelo Facebook.»

Quando tinha Facebook costumava ter o som das notificações sonoras do *chat* do Facebook ligadas, perguntei se o som não o irritava:

«Irritava-me no sentido que tinha que responder [...] ficava stressado porque tinha que responder, alguém me mandou uma mensagem e eu tenho que estar disponível para...»

«[a mensagem de *chat* do Facebook] é um conceito diferente do *sms*, não é. No *sms* tu envias aquela mensagem e não ficas à espera que a outra pessoa responda [de imediato]. Não é imediato não é uma coisa de *chat* em que tu... A mesma coisa que se eu ligar para ti tu não tens que atender a chamada.»

Chateio o imediatismo das coisas e da resposta.

Há sons muito característicos. O som do *chat* do Facebook ou o toque de chamada ou de mensagem do iPhone.

«Da mesma forma com o toque de telemóvel do iPhone, ou com toque das mensagens do iPhone. São tão características e tu ouves isso em qualquer lado que mesmo que seja outra pessoa qualquer e aquilo começa a tocar tu automaticamente ficas “sou eu?”.»

«Estás programado para ver o que é que está a acontecer. Está a acontecer alguma coisa sem mim? O mundo, a vida está a correr e não estou atento?»

«E esse lado do Facebook do que é real e do que é virtual irrita-me.»

«Hoje em dia tenho *feeds* de notícias, prefiro ter o *rss* e ter os *updates* do que é que está a acontecer em determinadas coisas que eu quero, faço exatamente a mesma coisa que o Facebook, e o Facebook não faz por mim, não é, não me limita lá com o algoritmo não sei das quantas aquilo que eu quero e recebo na mesma a informação.»

«Mas olha agora com o [meu namorado] já pensei em voltar a ter Facebook [...] ele tem Facebook e é bastante ativo. [...] O [meu namorado] não tem o Facebook no telemóvel, mas tem no computador e está sempre a partilhar coisas.»

«Quando ouves um som tens que ir ver o telemóvel, tens que estar atento, tens que estar em cima do acontecimento, se não estás a perder qualquer coisa.»

«Tu tens o eu real, físico e depois tens o eu virtual que tu geres como se fosse uma marca.»

Sobre o conceito de amigo:

«até isso é desvirtuado.»

«Os amigos viram fãs. Tu tens a possibilidade de aquelas pessoas não serem tuas amigas, mas seguirem-te.»

«E ter a maior parte do pessoal do trabalho a pedirem-me amizade, eu não vou beber copos com elas.»

«Esta facilidade de comunicação entre todos, altera-nos.»

---

### Dados

Nome fictício: Camila

Idade: 37

Profissão: Professora de Música/Educação Musical do Ensino Básico

Local onde vive: Alto de São João/Avenida Afonso III

---

### Citações

«Para mim o Facebook é um aspeto visual, não é um aspeto sonoro. Sim, mas o sinal de Messenger, efetivamente, mas (risos) dás-me um segundo? [responde a uma mensagem (*sms*) do namorado] [...] é uma coisa não sonora, eu nem sabia que o Facebook tinha sons. Mas tem sons

de quê? [explico] Eu no computador, o Facebook não tem som nenhum [...] não sei, nem nunca tinha pensado nisso [...]. No telemóvel tem apenas o som do Messenger, mas eu tenho quase sempre o telemóvel no silêncio.»

#### Sobre porque é que tem o telemóvel no silêncio:

«Pelo trabalho e porque me chateia [...] se estiver em casa ponho som, sim. Mas é capaz de ser dos poucos sítios em que eu ponho som, mesmo na rua, porque eu ando com isto na carteira e isto quando há [alguma coisa] vibra e eu sinto que estou a ser contactada. Acho que o meu telemóvel só tem som, não é sempre, mas 90% das vezes quando estou em casa, tenho-o na mesinha de entrada com som e realmente aí tem o som de chamada, tem o som de mensagem e tem o som de Messenger [do Facebook] barra WhatsApp que acho que é o mesmo [som].»

«às vezes chateia-me, aquilo está sempre "tim" e depois outra vez "tim" e depois vou lá é só uma graçola de um.»

«Eu já [desativei as notificações de uma conversa específica] no Messenger e esta semana fiz isso no WhatsApp, porque realmente aquilo estava sempre a tocar e eu já não estou para aí virada.»

«Eu não falo muito por Messenger, portanto o Facebook para mim é uma cena intercalada.»

«Não tenho sempre o computador ligado, mas quando ligo tenho sempre o separador do Facebook aberto [...] e de vez em quando vou espreitando se há alguma notificação.»

«Porque eu às vezes vejo pessoas que abrem o Facebook e têm cinquenta notificações e eu acho aquilo estranhíssimo, porque eu se tenho uma ou duas vou logo ver.»

#### Em relação às mensagens e notificações de Facebook:

«Se o [meu namorado] está comigo eu não tenho tanta necessidade de ir ver o que é.»  
«Aquilo às vezes toca e eu não... não...»

#### Sobre se quando é o telemóvel do namorado a tocar um sinal de mensagem de Messenger o que a faz sentir, se a faz sentir desconfortável:

«Às vezes deixa-me um bocadinho [...] [o facto de não saber quem é].»

«Se [meu namorado] receber uma [mensagem], se receber outra, se receber para aí umas três e não disser nada começo a ficar com minhoquinhas, mas depois passa.»